

0

Pequeno

Príncipe

Certa vez, quando tinha seis anos, vi num livro sobre a Floresta Virgem, "Histórias Vividas", uma imponente gravura. Representava ela uma jiboia que engolia uma fera. Eis a cópia do desenho. Dizia o livro: "As jiboias engolem, sem mastigar, a presa inteira. Em seguida, não podem mover-se e dormem os seis meses da digestão."

Refleti muito então sobre as aventuras da selva, e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. Meu desenho número 1 era assim. Mostrei minha obra prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes fazia medo. Respondera-me: "Por que é que um chapéu fazia medo?" Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jibóia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jiboia, a fim de que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações. Meu desenho número 2 era assim: As pessoas grandes aconselharam-me deixar de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas, e dedicar-me de preferência à geografia, à história, ao cálculo, à gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma esplêndida carreira de pintor. Eu fora desencorajado pelo insucesso do meu desenhonúmero

1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes Tive pois de escolher uma outra profissão e aprendi a não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para pilotar aviões. Voiei, por assim dizer, por todo o mundo. as crianças, estar toda hora explicando.

E a geografia, é claro, me serviu muito. Sabia distinguir, num relance, a China e o Arizona. É muito útil, quando se está perdido na noite. Tive assim, no decorrer da vida, muitos contatos com muita gente séria. Vivi muito no meio das pessoas grandes. Vi-as muito de perto. Isso não melhorou, de modo algum, a minha antiga opinião. Quando encontrava uma que me parecia um pouco lúcida, fazia com ela a experiência do meu desenho número 1, que sempre conservei comigo. Eu queria saber se ela era verdadeiramente compreensiva. Mas respondia sempre: "É um chapéu". Então eu não lhe falava nem de jibóias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Punha-me ao seu alcance. Falava-lhe de bridge, de golfe, de política, de gravatas. E a pessoa grande ficava encantada de conhecer um homem tão razoável. II

Vivi portanto só, sem amigo com quem pudesse realmente conversar, até o dia, cerca de seis anos atrás, em que tive uma pane no deserto do Saara. Alguma coisa se quebrara no motor. E como não tinha comigo mecânico ou passageiro, preparei-me para empreender sozinho o difícil conserto. Era, para mim, questão de vida ou de morte. Só dava para oito dias a água que eu tinha. Na primeira noite adormeci pois sobre a areia, a milhas e milhas de qualquer terra habitada. Estava mais isolado que o naufrago numa tábua, perdido no meio do mar. Imaginem então a minha surpresa, quando, ao despertar do dia, uma vozinha estranha me acordou. Dizia: - Por favor... desenha-me um carneiro! - Hem! - Desenha-me um carneiro... Pus-me de pé, como atingido por um raio. Esfreguei os olhos. Olhei bem. E vi um pedacinho de gente inteiramente extraordinário, que me considerava com gravidade. Eis o melhor retrato que, mais tarde, consegui fazer dele.

Meu desenho é, seguramente, muito menos sedutor que o modelo. Não tenho culpa. Fora desencorajado, aos seis anos, da minha carreira de pintor, e só aprendera a desenhar jibóias abertas e fechadas. Olhava pois essa aparição com olhos redondos de espanto. Não esqueçam que eu me achava a mil milhas de qualquer terra habitada. Ora, o meu homenzinho não me parecia nem perdido, nem morto de fadiga, nem morto de fome, de sede ou de medo. Não tinha absolutamente a aparência de uma criança perdida no deserto, a mil milhas da região habitada. Quando pude enfim articular palavra, perguntei-lhe: - Mas ... que fazes aqui? E ele repetiu-me então, brandamente, como uma coisa muito séria: - Por favor ... desenha-me um carneiro ... Quando o mistério é muito impressionante, a gente não ousa desobedecer. Por mais absurdo que aquilo me parecesse a mil milhas de todos os lugares habitados e em perigo de morte, tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta. Mas lembrei-me, então, que eu havia estudado de preferência geografia, história, cálculo e gramática, e disse ao garoto (com um pouco de mau humor) que eu não sabia desenhar. Respondeu-me: - Não tem importância. Desenha-me

um carneiro. Como jamais houvesse desenhado um onde eu moro. Preciso é dum carneiro. Desenha-me carneiro, refiz para ele um dos dois únicos desenhos um carneiro. Então eu desenhei. Olhou atentamente, e disse: - Não! Esse já está muito doente. Desenha ouvir o garoto replicar: - Não! Não! Eu não quero um outro. Desenhei de novo. Meu amigo sorriu com elefante numa jiboia. A jiboia é perigosa e o elefante indulgência: - Bem vêes que isto não é um carneiro. É toma muito espaço. Tudo é pequeno um bode... Olha os chifres... Fiz mais uma vez o desenho. Mas ele foi recusado como os precedentes: - Este aí é muito velho. Quero um carneiro que viva muito. Então, perdendo a paciência, como tinha pressa de desmontar o motor, rabisquei o desenho ao lado. E arrisquei: - Esta é a caixa. O carneiro está dentro. Mas fiquei surpreso de ver iluminar-se a face do meu pequeno juiz: - Era assim mesmo que eu queria! Será preciso muito capim para esse carneiro? - Por quê? - Porque é muito pequeno onde eu moro... - Qualquer coisa chega. Eu te dei um carneirinho de nada! Inclinou a cabeça sobre o desenho: - Não é tão pequeno assim... Olha! Adormeceu... E foi desse modo que eu travei conhecimento, um dia, com o pequeno príncipe. III

Levei muito tempo para compreender de onde viera. O príncipezinho, que me fazia milhares de perguntas, não parecia sequer escutar as minhas. Palavras pronunciadas ao acaso é que foram, pouco a pouco, revelando tudo. Assim, quando viu pela primeira vez meu avião (não vou desenhá-lo aqui, é muito complicado para mim), perguntou-me bruscamente: - Que coisa é aquela? - Não é uma coisa. Aquilo voa. É um avião. O meu avião. Eu estava orgulhoso de lhe comunicar que eu voava. Então ele exclamou: - Como? Tu caíste do céu? - Sim, disse eu modestamente. - Ah! como é engraçado... E o príncipezinho deu uma bela risada, que me irritou profundamente. Gosto que levem a sério as minhas desgraças. Em seguida acrescentou: - Então, tu também vens do céu! De que planeta és tu? Vislumbrei um clarão no mistério da sua presença, e interroguei bruscamente: - Tu vens então de outro planeta? Mas ele não me respondeu. Balançava lentamente a cabeça considerando o avião: -É verdade que, nisto aí, não podes ter vindo de longe... Mergulhou então num pensamento que durou muito tempo. Depois, tirando do bolso o meu carneiro, ficou contemplando o seu tesouro. Poderão imaginar que eu ficara intrigado com aquela semiconfidência sobre "os

outros planetas". Esforcei-me, então, por saber mais. A proposta pareceu chocá-lo: - Amarrar? Que idéia um pouco. - De onde vens, meu bem? Onde é tua esquisita! - Mas se tu não o amarras, ele vai-se casa? Para onde queres levar meu carneiro? Ficou embora e se perde. E meu amigo deu uma nova meditando em silêncio, e respondeu depois: - O bom é risada: - Mas onde queres que ele vá? - Não sei. Por que a caixa que me deste poderá, de noite, servir de aí. Andando sempre para frente. Então o casa. - Sem dúvida. E se tu fores bonzinho, darei príncipezinho observou, muito sério: - Não faz mal, é também uma corda para amarrá-lo durante o dia. E tão pequeno onde moro! E depois, talvez com um uma estaca.

pouco de melancolia, acrescentou ainda: - Quando a gene anda sempre para frente, não pode mesmo ir longe... IVEu aprendera, pois, uma segunda coisa, importantíssima: o seu planeta de origem era pouco maior que uma casa! Não era surpresa para mim. Sabia que além dos grandes planetas - Terra, Júpiter, Marte ou Vênus, aos quais se deram nome - há centenas e centenas de outros, por vezes tão pequenos que mal se vêem no telescópio. Quando o astrônomo descobre um deles, dá-lhe por nome um número. Chama-o, por exemplo: "asteróide 3251".

Tenho sérias razões para supor que o planeta de onde vinha o príncipe era o asteróide B 612. Esse asteróide só foi visto uma vez ao telescópio, em 1909, por um astrônomo turco. Ele fizera na época uma grande demonstração da sua descoberta num Congresso Internacional de Astronomia. Mas ninguém lhe dera

crédito, por causa das roupas que usava. As pessoas grandes são assim. Felizmente para a reputação do asteróide B 612, um ditador turco obrigou o povo, sob pena de morte, a vestir-se à moda europeia. O astrônomo repetiu sua demonstração em 1920, numa elegante casaca. Então, dessa vez, todo o mundo se convenceu. Se lhes dou esses detalhes sobre o asteróide B 612 e lhes confio o seu número, é por causa das pessoas grandes. As pessoas grandes adoram os números. Quando a gente lhes fala de um novo amigo, elas jamais se informam do essencial. Não perguntam nunca: "Qual é o som da sua voz? Quais os brinquedos que prefere? Será que coleciona borboletas?" Mas perguntam: "Qual é sua idade? Quantos irmãos ele tem? Quanto pesa? Quanto ganha seu pai?" Somente então é que elas julgam conhecê-lo. Se dizemos às pessoas grandes: "Vi uma bela casa de tijolos cor-de-rosa, gerânios na janela, pombas no telhado..." elas não conseguem, de modo nenhum, fazer uma idéia da casa. É preciso dizer-lhes: "Vi uma casa de seiscentos contos". Então elas exclamam: "Que beleza!" Assim, se a gente lhes disser: "A prova de que o príncipezinho existia é que ele era encantador, que ele ria, e que ele queria um carneiro. Quando alguém quer um carneiro, é porque existe" elas darão de ombros e nos chamarão de

criança! Mas se dissermos: "O planeta de onde ele "Era uma vez um pequeno príncipe que habitava um vinha e o asteroide B 612" ficarão inteiramente planeta pouco maior que ele, e que tinha necessidade convencidas, e não amolarão com perguntas. Elas são de um amigo..." Para aqueles que compreendem a assim mesmo: É preciso não lhes querer mal por isso. vida, isto pareceria sem dúvida muito mais verdadeiro. As crianças devem ser muito indulgentes com as Porque eu não gosto que leiam meu livro pessoas grandes. Mas nós, nós que compreendemos a levianamente. Dá-me tristeza narrar essas vida, nós não ligamos aos números! Gostaria de ter lembranças! Faz já seis anos que meu amigo se foi começado esta história a moda dos contos de fada. com seu carneiro. Se tento descrevê-lo aqui, é Teria gostado de dizer: justamente porque não o quero esquecer. É triste esquecer um amigo. Nem todo o mundo tem amigo. E eu corro o risco de ficar como as pessoas grandes, que só se interessam por números. Foi por causa disso que comprei uma caixa de tintas e alguns lápis também. É duro pôr-se a desenhar na minha idade, quando nunca se fez outra tentativa além das jibóias fechadas e abertas dos longínquos seis anos! Experimentarei, é claro, fazer os retratos mais parecidos que puder. Mas não tenho muita esperança de conseguir. Um desenho parece passável; outro, já é inteiramente diverso. Engano-me também no tamanho. Ora o príncipezinho está muito grande, ora pequeno demais. Hesito também quanto à cor do seu traje. Vou arriscando então, aqui e ali. Enganar-me-ei provavelmente em detalhes dos mais importantes.

Mas é preciso desculpar. Meu amigo nunca dava Dia a dia eu ficava sabendo mais alguma coisa do explicações. Julgava-me talvez semelhante a ele. Mas, planeta, da partida, da viagem. Mas isso devagarinho, Infelizmente, não sei ver carneiro através de caixa. ao acaso das reflexões. Foi assim que vim a conhecer, Sou um pouco como as pessoas grandes. Acho que no terceiro dia, o drama dos baobás. Dessa vez ainda, envelheci. V

foi graças ao carneiro. Pois bruscamente o príncipezinho me interrogou, tomado de grave dúvida: - É verdade que os carneiros comem arbustos? - Sim. É verdade. - Ah! Que bom! Não compreendi logo porque era tão importante que os carneiros comessem arbustos. Mas o príncipezinho acrescentou: - Por conseguinte eles comem também os baobás? Fiz notar ao príncipezinho que os baobás não são arbustos, mas árvores grandes como igrejas. E que mesmo que ele levasse consigo todo um rebanho de elefantes, eles não chegariam a dar cabo de um único baobá. A idéia de um rebanho de elefantes fez rir ao príncipezinho: - Seria preciso botar um por cima do outro... Mas notou, em seguida, sabiamente: - Os baobás, antes de crescer, são pequenos. - É fato! Mas por que desejas tu que os carneiros comam os baobás pequenos? - Por que haveria de ser? respondeu-me, como se se tratasse de uma evidência. E foi-me preciso um grande esforço de

inteligência para compreender sozinho esse problema. Com efeito, no planeta do príncipezinho havia, como em todos os outros planetas, ervas boas e más. Por conseguinte, sementes boas, de ervas boas; sementes más, de ervas más. Mas as sementes são invisíveis. Elas dormem no segredo da terra até que uma cisme de despertar. Então ela espreguiça, e lança timidamente para o sol um inofensivo galhinho. Se é de roseira ou rabanete, podemos deixar que cresça à vontade. Mas quando se trata de uma planta ruim, é preciso arrancar logo, mal a tenhamos conhecido. Ora, havia sementes terríveis no planeta do príncipezinho: as sementes de baobá... O solo do planeta estava enfiado. E um baobá, se a gente custa a descobri-lo, nunca mais se livra dele. Atravança todo o planeta. Perfura-o com suas raízes. E se o planeta é pequeno e os baobás numerosos, o planeta acaba rachando. "É uma questão de disciplina, me disse mais tarde o príncipezinho. Quando a gente acaba a toailete da manhã, começa a fazer com cuidado a toailete do planeta. É preciso que a gente se conforme em arrancar regularmente os baobás logo que se distingam das roseiras, com as quais muito se parecem quando pequenos. É um

trabalho sem graça, mas de fácil execução." Em um trabalho para mais tarde. Mas, quando se trata de dia aconselhou-me a tentar um belo desenho que baobá, é sempre uma catástrofe. Conheci um planeta fizesse essas coisas entrarem de uma vez na cabeça habitado por um preguiçoso. Havia deixado três das crianças. "Se algum dia tiverem de viajar, arbustos..." E, de acordo com as indicações do explicou-me, poderá ser útil para elas. As vezes não principezinho, desenhei o tal planeta. Não gosto de há inconveniente em deixar um tomar o tom de moralista. Mas o perigo dos baobás é tão pouco conhecido, e tão grandes os riscos daquele que se perdesse num asteróide, que, ao menos uma vez, faço exceção à minha reserva. E digo portanto: "Meninos! Cuidado com os baobás!" Foi para advertir meus amigos de um perigo que há tanto tempo os ameaçava, como a mim, sem que pudéssemos suspeitar, que tanto caprichei naquele desenho. A lição que eu dava valia a pena. Perguntarão, talvez: Por que não há nesse livro outros desenhos tão grandiosos como o desenho dos baobás? A resposta é simples: tentei, mas não consegui. Quando desenhei os baobás, estava inteiramente possuído pelo sentimento de urgência. VI Assim eu comecei a compreender, pouco a pouco, meu pequeno principezinho, a tua vidinha melancólica. Muito tempo não tiveste outra distração que a doçura do pôr-do-sol. Aprendi esse novo detalhe quando me disseste, na manhã do quarto dia: - Gosto muito de pôr-do-sol.

Vamos ver um... - Mas é preciso esperar... - Esperar o
- Eu imagino sempre estar em casa! De fato, Quando é
que? - Que o sol se ponha. Tu fizeste um ar de
meio dia nos Estados Unidos, o sol, todo mundo sabe,
surpresa, e, logo depois, riste de ti mesmo. Disseste -
está se deitando na França. Bastaria ir à França num
me:

minuto para assistir ao pôr-do-sol. Infelizmente, a
França é longe demais. Mas no teu pequeno planeta,
bastava apenas recuar um pouco a cadeira. E
contemplavas o crepúsculo todas as vezes que
desejavas... - Um dia eu vi o sol se pôr quarenta e três
vezes! E um pouco mais tarde acrescentaste: -
Quando a gente está triste demais, gosta do pôr-do-
sol... - Estavas tão triste assim no dia dos quarenta e
três? Mas o príncipezinho não respondeu. VII No
quinto dia, sempre graças ao carneiro, este segredo da
vida do pequeno príncipe me foi de súbito revelado.
Pergunto-me, sem preâmbulo, como se fora o fruto de
um problema muito tempo meditado em silêncio: -
Um carneiro, se come arbusto, come também as
flores? - Um carneiro come tudo que encontra. -
Mesmo as flores que tenham espinho? - Sim. Mesmo
as que têm. - Então... para que servem os espinhos?

Eu não sabia. Estava ocupadíssimo naquele instante, tentando desatarraxar do motor um parafuso muito apertado. Minha pane começava parecer demasiado grave, e em, breve já não teria água para beber... - Para que servem os espinhos? O príncipezinho jamais renunciava a uma pergunta, depois que a tivesse feito. Mas eu estava irritado com o parafuso e respondi qualquer coisa: - Espinho não serve para nada. São pura maldade das flores. - Oh! Mas após um silêncio, ele me disse com uma espécie de rancor: - Não acredito! As flores são fracas. Ingênuas. Defendem-se como podem. Elas se julgam terríveis com os seus espinhos... Não respondi. Naquele instante eu pensava: "Se esse parafuso ainda resiste, vou fazê-lo saltar a martelo". O príncipezinho perturbou-me de novo as reflexões: - E tu pensas então que as flores... - Ora! Eu não penso nada. Eu respondi qualquer coisa. Eu só me ocupo com coisas sérias! Ele olhou-me estupefato: - Coisas sérias! Via-me, martelo em punho, dedos sujos de graxa, curvado sobre um feio objeto. - Tu falas como as pessoas grandes! Senti um pouco de vergonha. Mas ele acrescentou, implacável:

- Tu confundes todas as coisas... Misturas tudo!
Estava realmente muito irritado. Sacudia ao vento cabelos de ouro: - Eu conheço um planeta onde há um sujeito vermelho, quase roxo. Nunca cheirou uma flor. Nunca olhou uma estrela. Nunca amou ninguém. Nunca fez outra coisa senão somas. E o dia todo repete como tu: "Eu sou um homem sério! Eu sou um homem sério!" e isso o faz inchar-se de orgulho. Mas ele não é um homem; é um cogumelo! - Um o quê? - Um cogumelo! O príncipezinho estava agora pálido de cólera. - Há milhões e milhões de anos que as flores fabricam espinhos. Há milhões e milhões de anos que os carneiros as comem, apesar de tudo. E não será sério procurar compreender por que perdem tanto tempo fabricando espinhos inúteis? Não terá importância a guerra dos carneiros e das flores? Não será mais importante que as contas do tal sujeito? E se eu, por minha vez, conheço uma flor única no mundo, que só existe no meu planeta, e que um belo dia um carneirinho pode liquidar num só golpe, sem avaliar o que faz, - isto não tem importância?! Corou um pouco, e continuou em seguida: - Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para que seja feliz

quando a contempla. Ele pensa: "Minha flor está lá, Não pôde dizer mais nada. Pôs-se bruscamente a nalgum lugar..." Mas se o carneiro come a flor, é para soluçar. A noite caíra. Larguei as ferramentas. Ria-me dele, bruscamente, como se todas as estrelas se do martelo, do parafuso, da sede e da morte. Havia apagassem! E isto não tem importância!

numa estrela, num planeta, o meu, a Terra, um principzinho a consolar! Tomei-o nos braços.

Embalei-o. E lhe dizia: "A flor que tu amas não está em perigo... Vou desenhar uma pequena mordaca para o carneiro... Uma armadura para a flor... Eu...". Eu não sabia o que dizer. Sentia-me desajeitado. Não sabia como atingi-lo, onde encontrá-lo... É tão misterioso, o país das lágrimas! VIII Pude bem cedo conhecer melhor aquela flor. Sempre houvera, no planeta do pequeno príncipe, flores muito simples, ornadas de uma só fileira de pétalas, e que não ocupavam lugar nem incomodavam ninguém. Apareciam certa manhã na relva, e já à tarde se extinguíam. Mas aquela brotara um dia de um grão trazido não se sabe de onde, e o principzinho vigiara de perto o pequeno broto, tão diferente dos outros. Podia ser uma nova espécie de baobá. Mas o arbusto logo parou de crescer, e

começou então a preparar uma flor. O príncipezinho, que assistia à instalação de um enorme botão, bem sentiu que sairia dali uma aparição miraculosa; mas a flor não acabava mais de preparar-se, de preparar sua beleza, no seu verde quarto. Escolhia as cores com cuidado. Vestia-se lentamente, ajustava uma a uma sua pétalas. Não queria sair, como os cravos, amarrotada. No radioso esplendor da sua beleza é que ela queria aparecer. Ah! Sim. Era vaidosa. Sua misteriosa toailete, portanto, durara dias e dias. E eis que uma bela manhã, justamente à hora do sol nascer, havia-se, afinal, mostrado. E ela, que se preparava com tanto esmero, disse, bocejando: - Ah! Eu acabo de despertar... Desculpa... Estou ainda toda despenteada... O príncipezinho, então, não pôde conter o seu espanto: - Como és bonita! - Não é? Respondeu a flor docemente. Nasci ao mesmo tempo que o sol... O príncipezinho percebeu logo que a flor não era modesta. Mas era tão comovente! - Creio que é hora do almoço, acrescentou ela. Tu poderias cuidar de mim... E o príncipezinho, embaraçado, fora buscar um regador com água fresca, e servira à flor. Assim, ela o afligira logo com sua mórbida vaidade. Um dia por exemplo, falando dos seus quatro espinhos, dissera ao

pequeno príncipe: - É que eles podem vir, os tigres, com suas garras! - Não há tigres no meu planeta, objetara o príncipezinho. E depois, os tigres não comem erva. - Não sou uma erva, respondera a flor suavemente. - Perdoa-me... - Não tenho receio dos tigres, mas tenho horror das correntes de ar. Não terias acaso um pára-vento? "Horror das correntes de ar... Não é muito bom para uma planta, notara o príncipezinho. É bem complicada essa flor..." - À noite me colocarás sob a redoma. Faz muito frio no teu planeta. Está mal instalado. De onde eu venho... Mas interrompeu-se de súbito. Viera em forma de semente. Não pudera conhecer nada dos outros mundos. Humilhada por se ter deixado apanhar numa mentira tão tola, tossiu duas ou três vezes, para pôr a culpa no príncipe: - E o pára-vento? - Ia buscá-lo. Mas tu me falavas... Então ela redobrou a tosse para infligir-lhe remorso. Assim o príncipezinho, apesar da boa vontade do seu amor, logo duvidara dela. Tomara a sério palavras sem importância, e se tornara infeliz. "Não a devia ter escutado - confessou-me um dia - não se deve nunca escutar as flores. Basta olhá-las, aspirar o perfume. A minha embalsamava o planeta, mas eu não me contentava com isso. A tal história das

garras, que tanto me agastara, me devia ter Creio que ele aproveitou, para evadir-se, pássaros enternecido... Confessou-me ainda: "Não soube selvagens que imigravam. Na manhã da partida, pôs o compreender coisa alguma! Devia tê-la julgado pelos planeta em ordem. Revolveu cuidadosamente seus atos, não pelas palavras. Ela me perfumava, me dois vulcões em atividade. Pois possuía dois vulcões. E iluminava... Não devia jamais ter fugido. Devia ter-lhe era muito cômodo para esquentar o almoco. Possuía adivinhado a ternura sob os seus pobres ardis. São tão também um vulcão extinto. Mas, como ele dizia: contraditórias as flores! Mas eu era jovem demais "Quem é que pode garantir?", revolveu também o para saber amar. PX

extinto. Se eles são bem revolvidos, os vulcões queimam lentamente, regularmente, sem erupções. As erupções vulcânicas são como fagulhas de lareira. Na terra, nós somos muito pequenos para revolver os vulcões. Por isso é que nos causam tanto dano. O príncipezinho arrancou também, não sem um pouco de melancolia, os últimos rebentos de baobá. Ele julgava nunca mais voltar. Mas todos esses trabalhos familiares lhe pareceram, aquela manhã, extremamente doces. E, quando regou pela última vez a flor, e se dispunha a colocá-la sob a redoma, percebeu que estava com vontade de chorar. - Adeus, disse ele à flor. Mas a flor não respondeu. - Adeus, repetiu ele. A flor tossiu. Mas não era por causa do resfriado. - Eu fui uma tola, disse por fim. Peço-te perdão. Trata de ser feliz. A ausência de censuras o surpreendeu. Ficou parado, inteiramente sem jeito,

com a redoma no ar. Não podia compreender essa tudo isso? - Sobre tudo isso... respondeu o rei. Pois ele calma doçura. - E claro que eu te amo, disse-lhe a flor. não era apenas um monarca absoluto, era também Foi por minha culpa que não soubeste de nada. Isso um monarca universal. - E as estrelas vos obedecem? não tem importância. Foste tão tolo quanto eu. Trata - Sem dúvida, disse o rei. Obedecem prontamente. Eu de ser feliz... Mas pode deixar em paz a redoma. Não não tolero indisciplina. Um tal poder maravilhou o. preciso mais dela. - Mas o vento... - Não estou assim príncipezinho. Se ele fosse detentor do mesmo, teria tão resfriada... O ar fresco da noite me fará bem. Eu podido assistir, não a quarenta e quatro, mas a setenta sou uma flor. - Mas os bichos... - E preciso que eu e dois, ou mesmo a cem, ou mesmo a duzentos poresuporte duas ou três larvas se quiser conhecer as do-sol no mesmo dia, sem precisar sequer afastar a borboletas. Dizem que são tão belas! Do contrário, cadeira! E como se sentisse um pouco triste à quem virá visitar-me? Tu estarás longe... Quanto aos lembrança do seu pequeno planeta abandonado, bichos grandes, não tenho medo deles. Eu tenho as ousou solicitar do rei uma graça: - Eu desejava ver um minhas garras. E ela mostrava ingenuamente seus pôr-do-sol. Fazer-me esse favor. Ordenai ao sol que se quatro espinhos. Em seguida acrescentou: - Não ponha... - Se eu ordenasse a meu general voar de uma demores assim, que é exasperante. Tu decidiste flor a outra como borboleta, ou escrever uma partir. Vai-te embora! Pois ela não queria que ele a tragédia, ou transformar-se em gaiyota, e o general visse chorar. Era uma flor muito orgulhosa... X Ele se não executasse a ordem recebida, quem - ele ou eu - achava na região dos asteroides 325, 326, 327, 328, 329, estaria errado? - Vós, respondeu com firmeza o príncipezinho. - Exato. É preciso exigir de cada um o ocupação e se instruir. O primeiro era habitado por que cada um pode dar, replicou o rei. A autoridade um rei. O rei sentava-se, vestido de púrpura e repousa sobre a razão. Se ordenares a teu povo que ele arminho, num trono muito simples, posto que se lance ao mar, farão todos revolução. Eu tenho o majestoso. - Ah! Eis um súdito, exclamou o rei ao dar direito de exigir obediência porque minhas ordens são com o príncipezinho. E o príncipezinho perguntou a si razoáveis. - E meu pôr-do-sol? lembrou o

paetede esse, ta fat, pamao serbaidador, apressou-se o rei seiscentos e vinte e dois mil, setecentos e trinta e um. - Quinhentos milhões de quê? - Hem? Ainda estás pensando grande? Saber de onde é que se tirava, aqui? Quinhentos e um milhões de... eu não sei mais... Tenho tanto trabalho. Sou um sujeito sério, não me preocupo com ninharias! Dois e cinco, sete, - Quinhentos milhões de quê? repetiu o príncipezinho vaidoso, ora aí virá a resposta. E o moço pegou a cabeça dos, que nunca na sua vida renunciara a uma pergunta, os cartões em mãos e disse sempre a mesma coisa: Bom dia, uma vez que a tivesse feito. O homem de negócios disse o que se quis, e ficou a rena de cartão. O príncipezinho levantou a cabeça: - Há cinqüenta e quatro anos que habito este planeta e só fui incomodado três vezes. A primeira vez foi há vinte e dois anos, por um besouro caído, não sei de onde. Fazia um barulho terrível, e o príncipezinho sentiu com prazer em - as estrelas. Sobre cometi quatro erros na soma. A segunda foi há onze na outra, aconselhou o vaidoso. O príncipezinho bateu anos, por uma crise de reumatismo. Falta de as mãos uma na outra. O vaidoso agradeceu exercício. Não tenho tempo para passeio. Sou um modestamente, erguendo o chapéu. - Ah, isso é mais divertido que a visita ao rei, disse consigo mesmo o príncipezinho. E começou a bater as mãos uma na outra. O homem de negócios compreendeu que não havia esperança de paz: - Milhões dessas coisinhas que se vêm às vezes no céu. - Moscas? - Não, não. Essas coisinhas que brilham. - Abelhas? - Também não. - E para o chapéu cair, perguntou ele, que é preciso fazer? Mas o vaidoso não ouviu. Os vaidosos só ouvem os elogios. - Não é verdade que tu me admiras para divagações. - Ah! estrelas? - Isso mesmo.

Então, a pergunta que fazes atende a curiosidade dos outros. O sexto planeta era dez vezes maior. Era habitado por seres semelhantes a nós, com um milhão de habitantes e um velho que escrevia livros enormes. - Bravo! eis um velho e outro semelhante a nós, um homem e um explorador! exclamou ele, logo que viu o mais velho sentado à mesa. - Mas não és tu o príncipezinho. O príncipezinho assentou-se na mesa, dessas pedras. - Daí vem esse gosto? Admiração. Eu ofegante. Já viajara tanto! - De onde vens? perguntou-lhe o velho. - Que livro é esse? perguntou-lhe o príncipezinho. - Sou geógrafo, respondeu o velho. - Que é um geógrafo? perguntou o príncipezinho. - É um sábio que sabe onde se encontram os mares, os rios, as cidades, as montanhas, os desertos. É bem interessante, disse o príncipezinho. Eis, afinal, uma verdadeira profissão! E lançou um olhar em torno de si, no planeta do geógrafo. Nunca havia visto planeta tão majestoso. - O teu planeta é muito bonito. Haverá oceanos nele? - Como hei de saber? disse o geógrafo. - Ah! (O príncipezinho estava decepcionado.) E cidades? - Como hei de saber? disse o geógrafo. - E rios, e desertos? - Como hei de saber? disse o geógrafo, pela terceira vez. - Mas o senhor é geógrafo! - É claro, disse o geógrafo; mas não sou explorador. Há uma falta absoluta de exploradores. Não é o geógrafo que vai contar as cidades, os rios, as montanhas, os mares, os oceanos, os desertos. O

foram afim de encontrar a floresta. As pedras são todas brancas e o chão é de areia. O Pequeno Príncipe atravessou o deserto e no solo não havia nem um inseto, nem uma planta, nem um animal. Então ele encontrou uma flor de três pétalas, uma flor de nada. Ela parecia muito bonita, mas não tinha folhas nem raízes. Ela estava sozinha e muito triste. - Bom dia! - disse o pequeno príncipe. - Bom dia! - respondeu a flor. - Onde estão os homens? - perguntou o pequeno príncipe com cortesia. A flor, um dia, havia visto passar uma caravana. - Os homens? Não, não existem mais que seis ou sete, me parece. Eles não aparecem mais. Quando eles foram embora, não foram vistos há anos e nunca se sabe onde encontrá-los. O vento passa, lhes faltam as raízes. Isto é muito triste. - Adeus - disse o pequeno príncipe. - Adeus - respondeu a flor. XIX O príncipezinho escalou uma grande montanha. As únicas montanhas que conhecia eram as montanhas da sua terra. Ele não sabia que as montanhas não são vistas há anos e nunca se sabe onde encontrá-los. O vento passa, lhes faltam as raízes. Isto é muito triste. - Adeus - disse o pequeno príncipe. - Adeus - respondeu a flor. Bom dia, disse ele inteiramente ao léu. - Bom dia, respondeu o eco. - Quem és tu? - perguntou o príncipezinho. - Quem és tu... quem és tu... respondeu o eco. - Sede meus amigos, eu estou só, disse ele. - Estou só, estou só, respondeu o eco. "Que planeta engraçado!" pensou então. É todo seco, pontudo e salgado. E os homens não tem imaginação. Repetem o que a gente

hiz o mesmo. Não falei e zombi o mago porque não sei que
- Eu fiz um gesto de desânimo: é absurdo procurar um
pouco ao acaso, na imensidão do deserto. No entanto,
pusemo-nos a caminho. Já tínhamos andado horas em
silêncio quando a noite caiu e as estrelas começaram
a brilhar. Eu as via como em sonho, porque tinha um
pouco de febre, por causa da sede. As palavras do
princezinho dançavam-me na memória: - Tu tens
sede também? perguntei-lhe. Mas não respondeu à
minha pergunta. Disse apenas: - A água pode ser boa
para o coração. Não compreendi sua resposta e
ele parecia não querer falar mais. Quando ele se foi,
calei-me. Eu bem sabia que não adiantava interrogá-
lo. Ele estava cansado. Sentou-se. Sentei-me junto
dele. E, após um silêncio, disse ainda: - As estrelas
são belas por causa de uma flor que não se vê. Eu
respondi "é mesmo", e fitei, sem falar, a ondulação da
areia enluarada. - O deserto é belo, acrescentou. E
era verdade. Eu sempre amei o deserto. A gente se
senta numa duna de areia. Não se vê nada. Não se
escuta nada. E no entanto, no silêncio, alguma coisa
irradia. O que torna belo o deserto, disse o
princezinho, é que ele esconde um poço nalgum
lugar. Fiquei surpreso por compreender, de súbito,
essa misteriosa irradiação da areia. Quando eu era
pequeno, habitava uma casa antiga, e diziam as lendas

desasuesabivam. de Xp br vida a o- l S d os do pas, or, mas uíazi at,
disseehe amuda. Não este p. O de andoreol peirdótr: M anha, no
dos s, eserim tó, wida le hont gan, e qumite i qeal qb ers pats do io
q lto, seopares e eromas saba E, ta s do i r h e u é, p p s t e m t e i n d i z i e r : -
I t r o p r a d a t e l e q u e r a s e t d a s ? N ã i s f f o i l a e e t a a q u e e u l u g e d e i .
E o n a e l a t q u e q z u d e s i z a b r e s p d o d e r . - F o e , a p e l a q u e e r e p l i g u e i
e o m s e g u á d a : v e N ã o ; F r a d e s t a q u e r e g a m a d e i a s d l a r é e s t e ,
f a z e t ã o d a s g a r . t r e s p r o s r e g a u i s a c d a s i b b o p a e t a s) m F u r i c a
E l a n d i n u a v a e s c u t o i e q u e i x a g u é n o U g a b r a t a s t e o u m e s m o
p a l a c i p e z i n g u m e p l i z e s n . É v a n n e i m t h a f o s a E s t á v l e o u , T u
v e r t a s , o a n d e p o r a e c , A d e a s , r d i a s e e l e a l d e A d e u s , d i p a e s o s .
B a p t a e s p i e r a m e u s E g i t e d e i . Á l i n e s t t o r n i r e p l e s : n o s e s e v ê
b e h a v a e n v o n t e r a n ç a o G e s s a u c o a e é o n v i s í v e l p a r a ã o s v e r
o l d a s . O p r e s s i p e z i a l h é i d i v i s í v e l n p a r , a p e s o l h r o s s i t ê p e t o u o
p r i a u i p e z i n t o é a d i t o d e ? S e s t a s b r e a n t a - f e i q u e e m ã p o u e
p e r d e s t e u i b o n t e r a p r o s ? P a r c e i , f e z b r a ç ã s a p ã o t a d o , s e m
t r o m p t e e n t e r . F i n i d a t e n A g o r a , v a i u t p e r m i b o r a , a l i s s i e l e e . . .
e o s q u e r e p e t i s u e r p e i m t a p e z i n t o , o s f o t h o k e p a r l a m p e a d o -
O u h o , n e e t e s e s q u e s e t e r a l a b á e s t a v a e r e t a g u e d i p a e a o r a p o s a .
M a i s d i p e z i ã o h a d e v a s e s q u e s e s e r t p e r t e r a m a s r e l a s q u e
e t e r h i q u e a n t e m e s p o n i s á v e l . P o r q u a n t o q u e o c u r t a v a s o T u
é s v o e s p o n s á v e l s p e d a e i o s a a . r á p i d a o u r e i s t a . M a s e l p e l a
p a i r d e a e o s t a . o r e p r e t i b o p r i s a c i p e z i e s e , f a i f e m d e s e n d o
l e n t a m e . X X | l c o B o n o m i a r e p i s s e q u e i n o i p e z i e , h s e m B e m

será então de qual tipo de pessoas. - Gostarás? Não, há varia-
tões de tipos. - Serão, não de, tuas amigas? - E depois, um
vai fazer o teu presente. Mas, ele me outra vez? - Ah, deu
aquele que a pensava: - Teu, mas também. - Eu gosto de
povos e coisas. - Pois, é ele o meu presente... será
como a água... - Que queres dizer? - As pessoas têm
estrelas que não são as mesmas. Para uns, que
viajam, as estrelas são guias. Para outros, elas não
passam de pequenas luzes. Para outros, os sábios,
são problemas. Para o meu negociante, eram ouro.
mas todas essas estrelas se calam. Tu, porém, terás
estrelas como ninguém... - Que queres dizer? - Quando
olhares o céu de noite, porque habitarei uma delas,
porque numa delas estarei rindo, então será como se
todas as estrelas te rissem! E tu terás estrelas que
sabem rir! E ele riu mais uma vez. - E quando te
houveres consolado (a gente sempre se consola), tu te
sentirás contente por me teres conhecido. Tu serás
sempre meu amigo. Terás vontade de rir comigo. E
abrirás às vezes a janela à toa, por gosto... E teus
amigos ficarão espantados de ouvir-te rir olhando o
céu. Tu explicarás então: "Sim, as estrelas, elas
sempre me fazem rir!" E eles te julgarão maluco.
Será uma peça que te prego... E riu de novo. - Será

como se eu te houvesse dado, em vez de estrelas, montões de guizos que riem... E riu de novo, mais uma vez. Depois, ficou sério: - Esta noite... tu sabes... não venhas. - Eu não te deixarei. - Eu parecerei sofrer... eu parecerei morrer. É assim. Não venhas ver. Não vale a pena... - Eu não te deixarei. Mas ele estava preocupado. - Eu digo isto... também por causa da serpente. É preciso que não te morda. As serpentes são más. Podem morder por gosto... - Eu não te deixarei. Mas uma coisa o tranqüilizou: - Elas não têm veneno, é verdade, para uma segunda mordida... Essa noite, não o vi pôr-se a caminho. Evadiu-se sem rumor. Quando consegui apanhá-lo, caminhava decidido, a passo rápido. Disse-me apenas: - Ah! estás aqui... E ele me tomou pela mão. Mas afligiu-se ainda: - Fizeste mal. Tu sofrerás. Eu parecerei morto e não será verdade... Eu me calava. - Tu compreendes. É longe demais. Eu não posso carregar este corpo. É muito pesado. Eu me calava. - Mas será como uma velha casca abandonada. Uma casca de árvore não é triste... Eu me calava. Perdeu um pouco de coragem. Mas fez ainda um esforço: - Será bonito, sabes? Eu também olharei as estrelas. Todas as estrelas serão poços com uma roldana enferrujada. Todas as

estrelas me darão de beber... Eu me calava. - Será tão divertido! Tu terás quinhentos milhões de guizos, eu terei quinhentos milhões de fontes... E ele se calou também, porque estava chorando... - É aqui. Deixa-me dar um passo sozinho. E sentou-se, porque tinha medo. Disse ainda: - Tu sabes... minha flor... eu sou responsável por ela! Ela é tão frágil! Tão ingênua! Tem quatro espinhos de nada para defendê-la do mundo... Eu sentei-me também, pois não podia mais ficar de pé. Ele disse: - Pronto... Acabou-se... Hesitou ainda um pouco, depois ergueu-se. Deu um passo. Eu... eu não podia mover-me. Houve apenas um clarão amarelo perto da sua perna. Permaneceu, por um instante, imóvel. Não gritou. Tombou devagarinho como uma árvore tomba. Nem fez sequer barulho, por causa da areia. XXVII E agora, certamente, já se vão seis anos... Jamais contara essa história. Os camaradas ficaram contentes de ver-me são e salvo. Eu estava triste, mas dizia: É o cansaço... Agora já me consolei um pouco. Mas não de todo. Sei que ele voltou ao seu planeta; pois, ao raiar do dia, não lhe encontrei o corpo. Não era um corpo tão pesado assim... E gosto, à noite, de escutar as estrelas. Quinhentos milhões de guizos... Mas eis que sucede

uma coisa extraordinária. Na mordança que desenhei para o príncipezinho, esqueci de juntar a correia! Não poderá jamais prendê-la ao carneiro. E eu pergunto então: "Que se terá passado no planeta? Pode bem ser que o carneiro tenha comido a flor..." Ora eu penso: "Certamente que não! O príncipezinho encerra a flor todas as noites na redoma de vidro e vigia bem o carneiro..." Então, eu me sinto feliz. E todas as estrelas riem docemente. Ora eu digo: "Uma vez ou outra a gente se distrai e basta isto! Esqueceu uma noite a redoma de vidro ou o carneiro saiu de mansinho, sem que fosse notado..." Então os guizos se transformam todos em lágrimas!... Eis aí um mistério bem grande. Para vocês, que amam também o príncipezinho, como para mim, todo o universo muda de sentido, se num lugar, que não sabemos onde, um carneiro, que não conhecemos, comeu ou não uma rosa... Olhem o céu. Perguntem: Terá ou não terá o carneiro comido a flor? E verão como tudo fica diferente... E nenhuma pessoa grande jamais compreenderá que isso tenha tanta importância. Esta é, para mim, a mais bela paisagem do mundo, e também a mais triste. É a mesma da página precedente. Mas desenhei-a de novo para mostrá-la

bem. Foi aqui que o príncipezinho apareceu na terra, e desapareceu depois. Olhem atentamente esta paisagem para que estejam certos de reconhecê-la, se viajarem um dia na África, através do deserto. E se acontecer passarem por ali, eu lhes suplico que não tenham pressa e que esperem um pouco bem debaixo da estrela! Se então um menino vem ao encontro de vocês, se ele ri, se tem cabelos de ouro, se não responde quando interrogam, adivinharão quem é. Então, por favor, não me deixem tão triste: escrevam-me depressa que ele voltou... FIM